



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na 32ª reunião ordinária do Pleno do Conselho de Desenvolvimento Econômico e Social

Palácio Itamaraty, 09 de dezembro de 2009

Primeiro, cumprimentar a minha companheira Dilma Rousseff, ministra-chefe da Casa Civil,

Nosso querido companheiro Alexandre Padilha, ministro das Relações Institucionais,

Nosso querido companheiro Guido Mantega,

Nosso companheiro Pimentel, que está aqui,

Nosso companheiro Paulo Bernardo,

O companheiro Patrus Ananias, que estava aí, mas levantou. Eu acho que saiu de fininho, ali, e foi embora.

O nosso... Vai chegando a hora da comida...

O companheiro - ele não foi, porque ele vai ter que almoçar comigo - o companheiro Miguel Jorge, do Desenvolvimento, Indústria e Comércio,

Nosso querido companheiro Luciano Coutinho,

E cumprimentar os companheiros e companheiras conselheiros do Conselho de Desenvolvimento.

Eu quero confessar para vocês que eu fiquei, eu acho que emocionado com a apresentação do Guido e do Luciano Coutinho, porque fazia muitos e muitos anos, neste país, que a gente não via, sem nenhum trauma, sem nenhum pacote, sem nenhuma mágica... depois de um ano em que o mundo deitou e acordou assombrado; depois de um ano em que eu tive que ir, no dia 22 de dezembro do ano passado, à televisão fazer a propaganda do consumo, quando eram as Federações do Comércio que tinham que fazer, fui eu que fui



fazer. As Federações do Comércio no Brasil têm uma coisa fantástica: elas fazem pesquisa, detectam que o povo está com medo de comprar e publicam a pesquisa tal como ela é. Elas não utilizam a pesquisa como um instrumento de convencimento das pessoas. Então, eu tive que fazer apologia do consumo, coisa que não era habitual neste que vos fala. Eu fazia parte daquela sociedade alternativa, que criticava muito o consumismo.

E, passado todo esse tempo, a gente vê o Ministro da Fazenda e o Presidente do Banco de Desenvolvimento do Brasil anunciarem as medidas que foram anunciadas.

Parece, para alguns – eu vou ver como é que a imprensa vai tratar isso amanhã –, parece, para alguns, pouca coisa. Mas é importante lembrar há quantos anos a gente não via, em função da solidez da economia brasileira, a gente poder anunciar para o ano seguinte medidas que visam, pura e simplesmente, a consolidar o desenvolvimento do nosso país.

Obviamente que o Artur tem muita razão: esse desenvolvimento só tem sentido se vier acompanhado do desenvolvimento das conquistas sociais da parte que trabalha neste país e daqueles que estão excluídos. É para isso que nós queremos que o Brasil cresça, é para que a sociedade toda suba os degraus junto. Nós não podemos continuar a ter um distanciamento entre aqueles do andar de cima e aqueles do andar de baixo.

É preciso aproximar, porque a experiência que nós tivemos nesta crise é para consolidar - junto aos analistas econômicos deste país, junto aos palpiteiros deste país e junto aos céticos deste país - que distribuição de renda não faz mal a ninguém, que aumentar o salário dos pobres não causa inflação, que dar um pouquinho de dinheiro para os excluídos deste país não desmonta a economia, como alguns falaram.

Então, ver, Guido, você e o Luciano Coutinho apresentarem essas medidas para o futuro – para o futuro, amanhã; não é para o futuro longínquo, não – é gratificante. Acho que o Brasil precisava disso. Acho que os



empresários precisavam ouvir isso. Acho que os trabalhadores precisavam ouvir isso. Porque, quanto mais consolidarmos o crescimento deste país, mais certamente nós vamos elevar o patamar de participação dos trabalhadores brasileiros. É essa a única razão para que deve existir o governo.

Fora disso, é melhor não existir. O governo tem que existir exatamente... Da mesma forma que você, de vez em quando, fala as palavras “equalização de juros”, nós temos que fazer a equalização social neste país, fazendo com que os mais pobres sejam cidadãos.

Essa é a primeira coisa. Agora, nós precisamos tomar cuidado, porque se eu fosse um técnico de futebol, eu não deixaria o meu time, depois de uma vitória, ir para a gandaia comemorar a vitória porque ganhou um jogo. Eu concentraria outra vez e diria: olha, isso é apenas uma etapa. O campeonato prossegue amanhã, tem outros campeonatos. Porque, normalmente, os caras festejam muito no dia em que ganham e no próximo jogo perdem.

No governo, nós precisamos tomar cuidado, Guido, para que isso não aconteça. Primeiro, nós não devemos festejar as coisas boas. O que nós precisamos é refletir se é possível, dentre as coisas que nós fizemos, fazer um pouquinho mais, e deixar para o povo festejar, deixar para as pessoas comemorarem aquilo que o povo considera suas conquistas.

Eu, nesses dias, tomei um susto. Eu cheguei da Alemanha às 4h15 da manhã, em Cumbica, e peguei o helicóptero para vir para São Bernardo do Campo. Não, para ir para São Bernardo do Campo. E, às 4h15 da manhã, naquela região da 25 de Março tinha tanto carro, que eu pensei: bom, eu devo ter entrado na China, porque eu nunca vi, às 4h da manhã, a quantidade de carros e de gente transitando, já, na 25 de Março.

É essa festa que nós, que governamos, precisamos ver. Nós ainda temos muita coisa para fazer, nós estamos num processo. O País amadureceu, os empresários amadureceram, os trabalhadores amadureceram, a sociedade brasileira, como um todo, está amadurecendo, está compreendendo melhor o



que está acontecendo no nosso país e no mundo. O mundo passou a tratar o Brasil com o respeito com que o Brasil sempre deveria ter sido tratado, mas que muitas vezes não fez por merecer, porque tem gente que gosta de ser serviçal, tem gente que gosta de puxar o saco, tem gente que gosta de ser tratado como gente de segunda classe, tem gente que não pode ouvir uma palavra em inglês, que já acha que é inferior ao que falou a palavra em inglês.

O Brasil está encontrando o seu caminho. E nesse momento, companheiros, é preciso muita, mas muita, sabedoria. Primeiro, porque todos nós temos um espaço grande para o ego. A gente não engorda 140 [kg] e não perde, para 80 [kg]? O ego pode fazer as pessoas nem caberem em uma cadeira. Quando as pessoas se permitem ser induzidas ou acreditar nessas coisas, as pessoas começam a cair, as pessoas começam a errar, as pessoas começam a deixar de fazer aquilo que é a sua obrigação. Se está dando certo, nós temos que trabalhar mais; se está dando certo, nós temos que fazer mais; se está dando certo, nós temos que ver o que falta fazer para melhorar ainda mais.

Eu fiquei feliz, Guido, de você anunciar a possibilidade de o sistema financeiro privado brasileiro emitir debêntures para poder fazer financiamento de longo prazo. O que significa isso? Nós estamos dando ao sistema financeiro brasileiro privado as mesmas condições de competir com os bancos públicos que, muitas vezes, recebem injeção de recursos do Tesouro Nacional. E os bancos privados têm que tomar dinheiro emprestado e só podem fazer crédito, às vezes, por três anos. Então, na hora que ele pode emitir debêntures e pode emprestar para dez ou 15 anos, no fundo, no fundo, ele vai competir com o BNDES nos investimentos de longo prazo.

E por que fazemos isso? Porque nós queremos a economia brasileira cada vez mais consolidada. Ela não pode depender de um banco, não pode depender de uma empresa, não pode depender de um governo, não pode depender de uma pessoa. Nós temos que depender de um todo. É como se



fôssemos uma orquestra: por mais insignificante que seja um instrumento, ele só está ali porque ele é importante. Se ele não fosse importante, ele não estaria fazendo parte do instrumental de uma orquestra.

A segunda coisa que eu achei extremamente importante, que é um projeto piloto. Aqui vamos dizer. Era para a gente anunciar este programa como um programa definitivo. Eu que pedi para a gente anunciar como piloto, com muito cuidado, para a gente consolidar, que é a possibilidade de financiar aos trabalhadores de empresas pequenas que estão em dificuldades a compra de ações, para que essa empresa deixe de ser uma empresa privada e passe a ser uma empresa até de economia mista, uma empresa com sócios, onde os trabalhadores serão sócios dela, o capital será aberto, vai ter Conselho, os trabalhadores vão participar da administração. Eu achei uma coisa extraordinária, mas é importante a gente começar com um programa-piloto para consolidar e saber o resultado disso, para a gente não dar um passo muito grande e depois não dar certo, e a gente ter que voltar atrás. Eu acho que é importante, Luciano, chamar os trabalhadores para conversar, porque nesse assunto eles têm que ser os doutores a nos ensinar, pelas experiências que eles já têm de como é que faz. Não é o empresário que quebrou que vai ensinar. São eles, que não quebraram ainda, que vão ensinar como é que pode fazer as coisas, para mudar. Porque o cara que já quebrou uma vez pode quebrar outra vez. Então, é preciso apenas fazer esse ajuste.

E fiquei, também, extremamente feliz porque há muito tempo que o Ministério da Fazenda não é tão mão aberta assim para financiamento. Eu chamei o Guido de mão de vaca porque nós discutimos muito ontem, e eu esperava o anúncio de 100 bilhões, e ele só anunciou 80 [bilhões]. Em um piscar de olho, enquanto eu fui dormir, ele pegou 20 bilhões para guardar para outra oportunidade. Bom, espero que esteja certo. Espero que esteja certo.

Acho que é um momento tão importante para o nosso país, que eu penso que nós deveríamos distribuir um pouco mais a responsabilidade com



vocês. Eu sei que muita gente que participa deste Conselho começou não acreditando no Conselho. Alguns achavam: “para quer ir em reunião, não dá certo”. E a gente começou a perceber que na hora em que a gente discute com seriedade, e que a relação entre nós é uma relação honesta, uma relação de parceria, em que ninguém quer enganar ninguém, a gente percebe que todos nós poderemos contribuir. Veja que coisa bonita: o Paulo Simão cobrar do Artur, e o Artur tão gentilmente responder para ele. Esse é o tom de conversa com que a gente pode estabelecer uma sociedade diferenciada no Brasil.

Eu acho que o Brasil pode fazer a diferença. É preciso fazer alguns brasileiros, ainda, acreditarem no Brasil. Por exemplo, Copenhague: Copenhague só vai ser o que vai ser porque o nosso querido país teve a coragem de, há um mês atrás, apresentar as metas que nós apresentamos. Veja, nós apresentamos as metas, eu fui a Paris e anunciei um compromisso, eu e o Sarkozy. A partir daí, todo mundo vai a Copenhague, agora. O presidente Obama não ia, ele ia receber o Prêmio Nobel da Paz em Oslo, ia passar lá. Não, mas agora decidiu ir, porque está percebendo que é o momento mais importante para discutir a questão do clima. Todos os dirigentes da Europa vão. A China, que não ia apresentar proposta, está apresentando proposta. Eu acho um dado extraordinário. Se não fosse a teimosia do Minc, se não fosse a teimosia do Pinguelli e da Dilma Rousseff, certamente a gente não teria apresentado número, achando que era uma coisa menor. Eu acho, modestamente falando, eu acho que o Brasil deu a tônica sobre o que vai acontecer em Copenhague. E os nossos números são tão substanciais, que só a redução do desmatamento na Amazônia vai surtir um efeito de diminuição da emissão de gases de efeito estufa, que é mais do que todo o plano que o presidente Obama está apresentando nos Estados Unidos, para se ter a dimensão do que significa a proposta brasileira.

Mas uma coisa importante, eu estava vendo aqui os companheiros da indústria naval. Eu lembro da primeira discussão que nós fizemos sobre



dinheiro para a Marinha Mercante. Era... se eram 500 milhões, se eram 250 milhões, se eram 400 milhões. Agora o Guido falou em 15 bilhões, com uma fluidez, com uma... e ainda a Dilma falou: “Presidente, não vai dar para nada”. Ora, isso é um bom sinal, porque significa que nós voltamos a acreditar na capacidade da indústria naval brasileira, e que ninguém nunca mais ouse dizer que este país não tem engenharia para produzir navio, plataforma, sonda, e para pegar petróleo a 7 mil metros de profundidade.

Qual é o milagre? É o milagre da crença, é o milagre de nós acreditarmos em nós mesmos. Na hora que um homem e uma mulher são determinados a acreditar em si e dizer o que os americanos dizem muito bem, que foi a palavra mágica da vitória do nosso querido companheiro Obama “eu posso”, as coisas mudam. O problema é que se a gente acorda azedo, se a gente acorda mal-humorado, “não vai dar certo”... Eu lembro que teve um tempo em que caía a Bolsa da China, e a gente entrava aqui em amarelo. Eu lembro. Caía a Bolsa não sei de onde, o pessoal “ah...”. E tinha uns cidadãos aí, que a gente nem conhece, que ficavam medindo o risco-Brasil. Eu ficava meio nervoso. Paulo Skaf, eu ficava nervoso. Você veja, a crise quebra os Estados Unidos e o risco que sobe é o do Brasil! É um contrassenso! Eu falava para o Guido e para o Meirelles: pelo amor de Deus, vocês têm que ligar para essa gente, têm que ligar! Que diabo... A gente faz um sacrifício desgraçado, come o pão que o diabo amassou, e vê no dia seguinte o risco-Brasil. Bom, o risco, na verdade, era deles porque muitos quebraram. Muitos, que estavam sentados em uma cadeira analisando o Brasil, quebraram porque não analisaram eles próprios.

Então, eu penso, Guido, que nós conquistamos em função, muito, da crença deste povo, da crença dos empresários que não tiveram medo da crise, da crença dos trabalhadores que foram baluartes importantes para enfrentar a crise.

Eu tive, tive a gentileza de ligar para vários companheiros dirigentes



sindicais e dizer: façam um boletim, vão para a porta de fábrica pedir para o povo consumir, senão ele vai perder o emprego. E muitos foram.

Então, eu acho que graças a tudo isso, nós chegamos onde nós chegamos. Estamos como se fosse um avião da Embraer (incompreensível). A Embraer ainda me deve uma explicação sobre aqueles 4 mil dispensados, porque está vendendo muito avião. Eu estou vendo muita gente falando... querendo comprar avião da Embraer. Até eu já comprei dois. E acho que... Viu, Artur, um dia nós vamos cobrar do Maurício a readmissão de uma parte daqueles 4 [mil] que mandaram embora.

Bem, mas de qualquer forma, eu queria que vocês tivessem consciência disso, olhem: nós chegamos onde nós chegamos por nossa responsabilidade. Eu acho que cada uma das pessoas mais humildes deste país - que falou contra, que falou a favor, aqueles que aparecem neutros nas pesquisas - acho que todo mundo deu uma contribuição. Eu estou convencido de que a gente pode fazer muito mais. Estou convencido de que nós podemos fazer muito mais, e acho que o Brasil, cada vez mais, estará importante no mundo.

Eu conversei com um embaixador brasileiro esses dias, Miguel Jorge, e ele me dizia assim: “Presidente, eu” – não vou dizer o governo – “eu trabalhei no Banco Central e eu fui muitas vezes a Washington com ministros e presidentes do Banco Central brasileiro negociar a dívida externa”. E ele dizia para mim: “Presidente, acho que nenhum de nós que foi ao FMI tem coragem de relatar o que acontecia com a gente lá, porque a humilhação era do porteiro do prédio ao diretor-geral.” Eles nunca eram recebidos pelo diretor-geral, nunca. Porque o País não se dava conta do tamanho que tinha, o Brasil não se dava conta da importância que tinha. Ainda tem gente que age como se nós estivéssemos colonizados.

Eu lembro do orgulho, Gerdau, quando eu fiquei sabendo que você estava comprando fábrica nos Estados Unidos. Para mim, é a glória a gente saber que um banco brasileiro está comprando um banco lá fora, que uma



empresa brasileira está comprando uma empresa lá fora. É extraordinário! Os dirigentes sindicais de lá, Feijóo, vinham pedir para eu falar com o Gerdau: “pô, o Gerdau está sendo duro na greve”. Mas também é aqui dentro, mas também é aqui dentro. Mas, veja... Mas antes éramos nós que ficávamos pedindo favor aos dirigentes sindicais europeus e americanos para ajudar a gente. Então, é um motivo extraordinário de amostragem de como este país está mudando de patamar. E o importante é que isso seja consolidado definitivamente, que isso seja consolidado para que a gente ocupe o lugar que a gente tem.

Eu não tenho dúvida, Patrus, não tenho dúvida de que este país, dentro de alguns anos, será a quinta economia do mundo, não tenho dúvida nenhuma. É só a gente não ficar rasgando dinheiro, aplicando corretamente o dinheiro. Nós não podemos descuidar, em hipótese alguma, da nossa política fiscal. Eu sempre acho que a gente tem que agir como se fosse a mãe da gente: só gasta o que tem, só vai fazer dívida se puder pagar no final do mês. Não é porque tem eleição no ano que vem que vai se gastar dinheiro porque, depois, ganhando as eleições, não consegue pagar o que fez de despesa. Não vamos fazer loucura. A inflação tem que ser controlada e a responsabilidade é de todos também. Não é apenas do governo, é de todos.

E vamos continuar... Se você não sabe, Artur, este mês nós vamos bater recorde de geração de empregos outra vez no mês de novembro. Nós vamos chegar, no ano em que o presidente Obama está comemorando a diminuição da queda de emprego, nós vamos estar comemorando a criação de mais de 1 milhão e 300 mil empregos neste país, com viés – é isso, Guido? –, com viés de criar mais empregos ainda em 2010. Com viés de alta, com viés de alta.

Então, eu não sei se vou ver vocês mais, antes do Natal, mas eu queria dizer para vocês que valeu a pena... Tem duas coisas que eu agradeço a Deus, de vez em quando: uma foi o segundo turno das eleições de 2006. Era preciso ter o segundo turno. Foi Deus que colocou ali o segundo turno. Se eu tivesse ganhado no primeiro turno, 51,1[%] a 49 ponto... seria... ficaríamos, o ano



inteiro, as pessoas remoendo. Então, foi preciso ter o segundo turno, para diferenciar. E foi preciso ter a crise econômica para alguns perceberem que não é apenas uma questão de sorte. É porque este país está arrumado, porque [com] menos do que a crise que nós vivemos, este país quebrou três vezes.

Vocês não sabem o orgulho que eu tenho quando o Guido veio falar assim para mim: “Ô Lula – ele não me chama de Lula, ele me chama de presidente – ô presidente, o negócio é o seguinte: nós decidimos emprestar 10 bilhões para o FMI, mas eles estão precisando de 14 [bilhões], o que nós fazemos?” Vamos emprestar 14 [bilhões], vamos emprestar 14 [bilhões]. Agora, nós emprestamos 14 [bilhões], e agora nós temos direito de veto, vejam que chique. Vejam que chique, o Guido ser consultado para saber se a gente pode emprestar não sei para quem. Parece pouco isso, mas é uma... quem não conquistou liberdade, quem não lutou por liberdade não sabe o valor de uma conquista como essa. Eu acho que ainda falta muito, Guido, falta muito.

Vai chegar o ano, muita gente vai deixar o governo, vai ser candidato. Eu não sei por que porcaria as pessoas querem ser candidatas, mas vão ser candidatas. Eu quero fazer como eu faria, se eu fosse técnico: no ano que vem, Guido, nós vamos ter que trabalhar muito mais, porque antes a gente não tinha nada e a gente não tinha com que se preocupar muito. Hoje nós já temos um patrimônio. E assegurar que esse patrimônio seja mantido vai exigir de nós mais trabalho do que nós tivemos este ano e no ano passado.

Portanto, eu quero que vocês passem o Natal, comprem todos os panetones que quiserem comprar, passem o Natal o mais tranquilos possível com as suas famílias. Os ministros vão descansar um pouco. Mas no ano que vem se preparem, porque no ano que vem nós, em vez de comemorar, em vez de ficar comemorando, nós vamos ter que trabalhar um pouco mais para que os trabalhadores melhorem, para que as empresas cresçam, para que o Brasil se fortaleça. E aí, sim, quando chegar o dia 31 de dezembro de 2010, nós vamos comemorar um ciclo e nos preparar para o próximo ciclo.



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**

Um grande abraço para vocês. Boa sorte, bom Natal, bom Ano Novo, e até o próximo ano.

(\$211A)